

SESSÕES DO PLENÁRIO

77ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 8 de novembro de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADA FABÍOLA MANSUR (AD HOC)

Os Srs. PRESIDENTES (Fabíola Mansur e Jacó Lula da Silva): Invocando a proteção de Deus declaro aberta a presente sessão especial em memória dos Heróis da Pátria que há 220 anos deram suas vidas pelos ideais da Revolta dos Búzios, proposta pelos deputados Jacó Lula da Silva e Fabíola Mansur.

Quero convidar, para compor a Mesa, a Sr.^a Secretária da Promoção da Igualdade, Dr.^a Fábila Reis, que neste momento representa o governador Rui Costa; Sr. Defensor Público-Geral, Rafson Saraiva Ximenes; Sr. Diretor da Fundação Pedro Calmon, Zulu Araújo, que neste ato representa a secretária de Cultura, Arany Santana; Sr. Presidente do Olodum, João Jorge; Sr.^a Coordenadora da Juventude Nacional de Entidades Negras, Sr.^a Eloisa Lima; Sr. Publicitário, ator, diretor teatral, escritor, poeta, compositor e dramaturgo, Paulo Nery; Sr. Coordenador Nacional de entidades negras, Gilberto Leal. (Palmas)

Convidamos todos os presentes para ouvirmos, em posição de respeito, a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Gostaria de passar a presidência dos trabalhos ao deputado Jacó Lula da Silva.

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Neste momento, eu passo a palavra para a deputada Fabíola Mansur, que é uma das proponentes desta maravilhosa sessão.

A Sr.^a Dra. FABÍOLA MANSUR: Bom dia, gente! Quero começar quebrando um pouco o protocolo, mas pelo momento simbólico do dia de hoje, proposto por nosso mandato, pelo mandato do deputado Jacó Lula da Silva, quero pedir a vocês que mais uma vez fiquem em posição de respeito.

Esta Casa Legislativa, no dia 8 de novembro, dia em que foram enforcados e esquartejados, há 220 anos, os heróis – alguns deles, porque outros também foram sacrificados –, os heróis da Revolta dos Búzios: Luiz Gonzaga, Lucas Dantas, João de Deus, Manoel Faustino, considerados os primeiros deputados baianos enforcados e esquartejados, os únicos negros, pobres que lutaram pelo ideal da Revolução Francesa: *Igualdade, liberdade e fraternidade*. E, mais ainda, pela abolição da escravatura, por querer que nós todos fôssemos irmãos, que nós todos fôssemos iguais, esta Casa, 220 anos depois, exatamente hoje, precisa se levantar, e em posição de respeito fazer.

(Procede-se 1 minuto de silêncio.) (Palmas)

A Sr.^a Dra. FABÍOLA MANSUR: E assim a gente começa. Começa exaltando aqui nesta Casa as presenças de vocês representando entidades negras, movimentos sociais, escolas públicas, várias entidades que representam e são a resistência na luta antirracista, mas saudando também esta Mesa que se incorpora as vozes de combate ao racismo no estado da Bahia, no Brasil e pelo mundo.

Quero saudar inicialmente a secretária Fabya Reis, neste ato representando o nosso governador Rui Costa. Fabya, ao mesmo tempo que exalto a sua atuação à frente da única Secretaria da Promoção da Igualdade do Estado, nós também queremos parabenizá-la pela excelente campanha iniciada pelo governo com a sua chancela e a chancela da secretaria, uma campanha direta, uma campanha que nos chama a incorporarmos as nossas vozes contra o racismo, a campanha Todas as Vozes Contra o Racismo, todas as leis contra os racistas, porque a gente precisa, uma vez por todas, matar esse que é um flagelo que assola o nosso país há séculos e que ainda está presente no racismo institucional, estrutural, que faz com que índices, índices de dignidade humana, de vida digna, de bem-estar social ainda sejam menores na população negra. Secretária, parabéns pelo seu trabalho.

Queria também saudar o companheiro Zulu, neste ato representando a nossa querida secretária Irani, Zulu que presidiu a Comissão da Revolta dos Búzios, da qual fizemos parte no ano passado e que hoje preside a Fundação Pedro Calmon, que tem uma responsabilidade enorme também por essa luta.

Quero saudar o nosso defensor público, Defensoria que tem sido uma grande parceira no enfrentamento ao racismo, uma grande parceira na assistência à justiça, justa e democrática às pessoas de população mais vulneráveis.

Quero saudar João Jorge do Olodum, que há 4 anos, quando eu comecei o nosso mandato, teve uma grande conversa comigo e praticamente um aprendizado, me falando: “Fabíola, você precisa fazer em visibilizar a história, a história da Bahia que é invisibilizada, a história dos nossos heróis da pátria”, e quando eu olho para vocês, estudantes de escolas públicas, que muitas vezes tem negado nos seus livros, nos seus livros que são editados pela própria elite intelectual, pelo povo colonizador, são privados de conhecer a história do povo negro, a história dos verdadeiros heróis da Bahia.

Às vezes, nós somos apenas informados de heróis, como Tiradentes, heróis brancos, de Minas, mas esquecemos daqueles que muito antes, muito antes da independência já proclamavam a igualdade, já faziam o enfrentamento à escravidão, já faziam uma luta pela fraternidade, luta essa que é atual até hoje.

Quero saudar o escritor e diretor Paulo Nery; quero saudar a nossa juventude, Heloísa; e quero saudar também Gilberto Leal, saudando João Jorge. Essa que é uma luta, há 3 anos, nesta Casa, nós fazemos a sessão para visibilizar a Revolta dos Búzios, nós aprovamos projetos para criação do memorial, estamos ainda disputando orçamento, secretária Fabya, para esse mesmo memorial e temos também projetos para o dia 8 de novembro ser um feriado e também para a medalha da Revolta dos Búzios, a medalha da liberdade, que é uma medalha, exatamente, para premiar pessoas cujo

trabalho seja direto para promoção da igualdade, da justiça social, do enfrentamento ao racismo, ao machismo, ao sexismo, à LGBTfobia, porque são lutas paralelas.

Eu quero dizer para vocês que hoje é um momento muito simbólico. Simbólico porque esta Casa, exatamente, no dia 8 homenageia os seus heróis.

Heróis que foram mortos, esquartejados, precisam ser exaltados porque o espírito e a sua defesa de enfrentamento do racismo é, infelizmente, ainda muito atual. O racismo estrutural pauta todas as pessoas que com mandatos políticos ou não têm que fazer na Bahia a luta antirracista e se incorporar a essas vozes.

Ontem, anteontem, num evento da saúde, deputado Jacó, V. Ex.^a que nesta Casa tem tido um mandato extremamente atuante, de participação efetiva que se incorpora também à luta antirracista, às lutas democráticas, ontem nós tivemos a publicação do IBGE dos dados da Organização Pan-Americana que mostra que a pobreza no Brasil, ela ampliou de 2012 para cá, a extrema pobreza no Brasil aumentou e , hoje, é 6,5%, e dos extremamente pobres a sua maioria absoluta é de negros e pardos.

A segunda faixa, que não é de extrema pobreza, mas é de pobreza, isto é, aqueles que ganham U\$ 5,50 por dia, mais ou menos R\$ 420,00 por mês, no Brasil nós temos 25% da população, mais ou menos 52,7 milhões de pessoas, Dr. Rafson, e desses 73% são negros e pardos.

E se formos olhar o acesso à saúde, o acesso e a cobertura de saúde, a maioria de negros e pardos ainda não têm cobertura ou acesso a utilização dos nossos meios de saúde, seja da atenção primária até a atenção de alta complexidade.

Também nesse mesmo relatório, hoje nós temos que a renda média *per capita* no Brasil de negros é de R\$ 934,00 e de brancos é de duas vezes mais, dados de 2018 que foram publicados em 2019. Se formos olhar também a educação, educação de qualidade, os índices de educação, também encontraremos os piores índices entre negros e pardos. Se formos olhar saneamento básico, se formos olhar abastecimento de água, nós também encontramos em 2018 esses mesmos índices, Sirlene.

Não é possível que nós queiramos não estar intrinsecamente ligados a essas vozes que lutam por uma democracia que tem sido recentemente aviltada por um governo federal que não nos representa, que faz desmonte da cultura, desmonte da educação, quer desmontar o SUS, desmonte das políticas antirracistas, desmonte das políticas de enfrentamento à violência contra a mulher, desmonte das políticas que salvaguardam o ambiente. Não é possível que diante de uma ameaça anticivilizatória do governo federal, diante de ameaças a políticas e conquistas que, se não fizeram em pleno século XXI sermos todos iguais, minimamente avançaram, e agora as elites efetivamente avançam sobre essas conquistas, a querer inviabilizá-las, a querer desconstruí-las. E todas as pessoas que são democráticas, todas as pessoas que têm um mandato que representa o povo da Bahia, tem que se insurgir, insurgir contra isso tudo, fazendo parte dessas vozes antirracismo.

Nós queremos sociedades mais justas, mas para isso precisamos de políticas equitativas, políticas que deem aos desiguais mais. Mas, ao que tudo indica, todas essas reformas promovidas pelo governo federal realmente tratam desiguais como desiguais, mas só que com um detalhe, aos desiguais mais ricos, os poupam da privação de

direitos; aos desiguais mais pobres, são exatamente aqueles que sofrem mais com privação de direitos, fazendo uma total inversão àquilo que seria uma luta democrática.

Exaltar a Revolta de Búzios hoje, exaltar os nossos heróis da pátria, nada mais é do que exaltar o espírito que tem que permear todo cidadão baiano, toda cidadã baiana, negra ou não negro como eu.

Vocês podem perguntar: por que uma branca exatamente aqui tem essa fala contumaz? Porque eu me incorporo a essas vozes não só como mandato. Tive uma vida dedicada à luta para a igualdade, pela justiça social (palmas). Isso é que me faz me incorporar não na dor, porque eu não senti a dor, como dizia Fábiana. Mesmo do privilégio de ser branca, me incorporo com a dor, mas não posso senti-la tão eficazmente quanto aqueles que todos os dias veem esse racismo em todas as áreas, na segurança, na cultura, na educação, na saúde.

Mas nós podemos, sim, nós podemos ter fé, nós podemos ter a fé que nós quisermos, aliás, porque também somos vítimas de intolerância religiosa cada vez mais avançada, que é capaz até de ver um navio, Zulu, um navio que, em tese, vem trazer os livros, vem simplesmente a dizer que aqui nós cultuamos demônios, ao que, efetivamente, o Ministério Público, a Defensoria, a Assembleia Legislativa, fomos para cima, porque aqui na Bahia, não. Não chegarão na Bahia aqueles preconceituosos, porque a nossa liberdade de fé é garantida em Constituição e o povo da Bahia, o povo respeita essa diversidade religiosa. Mas essa intolerância, a mesma intolerância que associa fotos de inferno a vários Terreiros de Candomblés no Google, essa intolerância religiosa ela está espalhando em todos os locais, e tem muitas vezes as redes sociais, as redes sociais do mal democratizando inverdades, gerando ódio, gerando intolerância, gerando aquilo que de pior tem na nossa sociedade.

Assim a gente precisa exaltar os nossos heróis, Tonho Matéria, da Revolta dos Búzios. Nós precisamos dizer que eles existem e que eles estão presentes nesta Casa, que eles estão presentes naqueles que defendem a Bahia, porque os seus ideais ainda se fazem necessários, porque são ideais por igualdade, por justiça social.

E todos aqueles que se incorporarem ao Movimento Negro, a esse movimento, seja de que etnia, raça, orientação sexual ou gênero precisam estar irmanados, solidários, fraternos para combater essa onda que vem de retrocessos.

Eu quero dizer que hoje, nós somos parte, secretária Fábiana, de uma agenda de atividades que se realizará à tarde. Eu quero convidar vocês, hoje, dia 8 de novembro, nós estaremos mais tarde na Piedade. Na Piedade para fazermos a caminhada de volta à Câmara Municipal dos nossos heróis. Para vocês que não sabem, a Câmara Municipal de Salvador era a antiga, naquela época há 220 anos, Cadeia Pública. E os nossos heróis foram levados da Cadeia Pública em 1799, há 220 anos, para a Piedade, para serem enforcados. E hoje de forma simbólica nós vamos fazer o caminho de volta e estaremos todos de branco.

Esteve aqui Antônio Olavo, um grande cineasta que fez um filme e que vai estar lá, também, presente para fazer esse documentário e nós pedimos, nós somos membros do Conselho Estadual de Cultura e de maneira simbólica, também, solicitei àquele Conselho que a reunião do Conselho Estadual de Cultura fosse feita na Praça da

Piedade com todos os conselheiros em pé para dizer o quanto nós precisamos exaltar esse espírito, esse espírito que precisa permear os nossos corações. Os corações que são senhores e que são soberanos e que não cabem na escravidão, escravidão que ainda existe, como dizia a música, Milagres do Povo, de Caetano Veloso.

E para terminar eu quero convidar vocês, saudando a deputada Fátima, para fazer parte dessa exaltação e citando uma música de Caetano, que eu me lembrei, deputado Jacó, quando estive anteontem numa audiência pública proposta pelo Ministério Público, onde havia+ 300 pescadores e marisqueiras reclamando que a fome não podia esperar, reclamando da injustiça da política da pesca, reclamando do impacto socioeconômico que esse crime ambiental gerou.

Noventa por cento de negros reclamando de órgãos que se pouco fazem realmente não são céleres suficientes para coibir esse impacto, mas ao mesmo tempo exaltando, porque foi o povo negro o primeiro a se voluntariar para estar nas praias do Recôncavo, do litoral, a limpar o óleo que foi criminalmente derramando aqui.

E essa música de Caetano Veloso, eu não vou me arriscar a cantar, mas eu vou dizer a letra e diz exatamente assim: “É no xaréu que brilha a prata a luz do céu e o povo negro entendeu que o grande vencedor se ergue além da dor. Tudo chegou sobrevivente num navio. Quem descobriu o Brasil? Foi um negro que viu a crueldade bem de frente e ainda produziu milagres de fé no extremo ocidente. Ojuobá e ia, Bahia!”

Vamos em frente! Viva os nossos heróis! Vamos na luta antirracista! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Muito obrigado, deputada Fabíola Mansur pelo seu pronunciamento. Quero lhe parabenizar.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Gostaríamos de saudar os alunos da Escola Mestre Paulo dos Anjos, do Bairro da Paz que estão aqui. Muito obrigado pela presença; os alunos do colégio estadual Satélite, também do Bairro da Paz, que estão aqui, o nosso muito obrigado; gostaria de saudar, e sintam-se à vontade se quiser vir para a Mesa, deputada estadual, companheira de luta, Fátima Nunes; gostaríamos de chamar para compor a Mesa, o senhor presidente do PSOL, Fábio Nogueira. (Palmas)

Permita-me, deputada, quebrar o protocolo, e também chamar o presidente estadual da Rede, que está aqui também, o senhor Magno Lavigne e chamar também Tonho Matéria para compor esta Mesa. Nos dê a honra, por favor. (Palmas)

Eu passo a palavra agora para a deputada Fabíola Mansur.

A Sr. ^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Esperar nossos integrantes da Mesa comporem aqui e eu queria agora, com muita honra, chamar esse grande companheiro de luta aqui desta Casa, das lutas e também companheiro de Irecê, terra que a gente defende com muita veemência, o querido deputado Jacó Lula da Silva, para fazer a sua fala. (Palmas)

O Sr. JACÓ LULA DA SILVA: Sr.^a Presidenta Fabíola Mansur, em seu nome eu quero saudar toda a Mesa para economizar o tempo e pelo avançar da hora, quero agradecer a todos e todas que estão aqui presentes, a deputada Fátima Nunes, os

estudantes, porque hoje é um dia de luta, hoje é um dia de reflexão e para não fazer barbearagem eu vou contar aqui para vocês um pouco dessa história da Revolta dos Búzios.

(Lê) “Esta sessão especial, em que lembramos 220 anos dos mártires pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, cumpre um papel histórico de evidenciar e viabilizar a história de resistência do povo negro em Salvador, na Bahia e no Brasil.

Orquestrada por negros escravizados, libertos, trabalhadores pobres e alguns membros das elites brancas liberais, a Revolta dos Búzios teve seu “estopim” no dia 12 de agosto de 1798. Salvador amanheceu com 12 boletins afixados em locais públicos e de grande circulação de pessoas, convocando o povo à revolução! Um deles dizia: ‘Animai-vos, povo bahiense, que está para chegar o tempo feliz da liberdade – Tonho Matéria –. O tempo em que todos seremos irmãos. O tempo em que todos seremos iguais’.

As armas não chegaram a ser disparadas, os canhões não chegaram a tremer os muros da cidade da Bahia, mas os planos, esses sim, fizeram tremer as autoridades coloniais que não tardaram a perseguir e reprimir a conspiração. Os ideais dos revoltosos incomodaram as elites coloniais e os governantes, a ‘onda negra’ que tinha acontecido no Haiti anos antes (1791), causava um imenso ‘medo branco’ na classe senhorial baiana. A trama conspiratória desafiava os ‘papéis sediciosos’, revelava que não eram poucos os que se tornaram partidários da liberdade. O boletim chamado de Aviso N° 9, declarava que eram 676 membros.

As investigações começaram ainda no dia 12 de agosto, prendeu-se um suspeito de produzir os boletins. Mas, no dia 22 do mesmo mês, dois novos panfletos ao mesmo estilo dos outros foram apreendidos, encontrados na porta do Convento do Carmo. Dessa vez as investigações levaram ao soldado Luís Gonzaga das Virgens, velho conhecido das autoridades militares por já haver desertado três vezes, revoltado com a discriminação de cor no Exército e na sociedade baiana.

No dia 25 de agosto desse agitado mês, após a prisão do soldado Luís Gonzaga, uma reunião realizada no Campo do Dique do Desterro se tornou uma grande armadilha. Contou com a presença de personagens conhecidos como o aprendiz de alfaiate Manuel Faustino dos Santos Lira, que levou mais cinco pessoas, dentre eles quatro escravizados de figurões da política baiana. João de Deus do Nascimento, mestre alfaiate e dono de alfaiataria, também se fez presente na reunião e levou mais seis pessoas, entre elas soldados, alfaiates, um ferreiro, um cabeleireiro e dois escravizados, sendo que um deles era africano. O soldado Lucas Dantas de Amorim Torres, que deu a notícia da prisão de Luís Gonzaga, também participou da fatídica reunião, levando com ele mais um soldado.

Três participantes denunciaram a reunião, na manhã do dia 26 de agosto de 1798 até o começo de 1799 ocorreram 41 prisões, das quais 33 chegaram até o final do processo instaurado pelo governo colonial. O príncipe Dom João em novembro de 1798 enviou uma Carta Régia exigindo celeridade e a mais severa punição aos envolvidos. Mesmo com inúmeros embargos colocados pelo advogado de defesa dos réus, que contestou a existência de ‘provas materiais’ que sustentassem a condenação,

em 5 de novembro de 1799 o Tribunal da Relação decidiu por unanimidade condenar todos os envolvidos.

Algumas penas foram extremamente pesadas. Manoel Faustino, Luís Gonzaga das Virgens, João de Deus e Lucas Dantas foram condenados à morte, enforcados e esquartejados, exatamente no dia de hoje, no dia 8 de novembro daquele mesmo ano na Praça da Piedade e seus nomes se tornaram ‘malditos’ até a terceira geração. Um ourives chamado Luís Pires, também foi condenado à pena máxima, mas conseguiu fugir e jamais foi localizado. Outros 28 homens tiveram as mais variadas penas, desde serem jogados na costa ocidental da África, fora dos domínios portugueses a degredo em Fernando de Noronha e prisões que variaram de 10 a 5 anos em Angola e 6 meses em território brasileiro. No caso de escravos receberam 500 chibatadas no Pelourinho e foram vendidos para fora da Bahia, sem direito de voltar.

Vale lembrar ainda a importância de reconhecermos a existência e um quinto mártir, da Revolta dos Búzios: Antônio José, um dos principais articuladores da revolta, que foi encontrado morto na cadeia onde estava aprisionado, vítima de envenenamento.”

Eu queria dizer para vocês, deputada Fabíola Mansur, a todos da Mesa e do plenário que esta data de hoje é uma data que merece, sim, a nossa reflexão, ela merece, sim, reconhecermos a importância dessa revolta para a nossa história, não é à toa que o nosso estado é tão rebelde, porque vem da sua história, da sua trajetória de vida.

Ontem nós tivemos aqui uma sessão especial onde também comemorávamos, lembrávamos os 50 anos do assassinato do também baiano Carlos Marighella. Então, o povo baiano é um povo que não se sujeita à tirania, e por isso que nós estamos aqui, e por isso para o nosso mandato é uma honra, Dr. Rafson, estar realizando em parceria com a deputada Fabíola Mansur esta sessão especial, que para nós retrata e é um gesto político, simbólico, de que esta Casa está aberta para o povo negro, para o debate da civilização negra, porque a história da Bahia é a história do povo

E para finalizar, eu queria chamar a atenção que finalmente a nossa luta também tem as suas vitórias. Eu queria saudar o Supremo Tribunal Federal pela coragem que tiveram ontem os seus ministros de manter o respeito à nossa Constituição, o respeito às leis, pura e simplesmente. E mostram que o nosso líder maior, o presidente Lula, foi um preso político, foi condenado injustamente. Está claro agora! Está claro agora! Só queriam tirar Lula da disputa eleitoral (palmas), porque hoje ele seria o nosso presidente da República. (Palmas)

Essa decisão é histórica, nos traz alegria, e eu queria conclamar todos aqui a puxar um Lula Livre em comemoração, porque esta Casa aqui é a Casa do Povo, deputada Fátima Nunes, e é a casa do povo de Lula, sem medo de ser feliz.

Vamos aqui, galera, puxar o Lula Livre: Lula Livre! Lula Livre! Lula Livre! Lula Livre! Um forte abraço estamos junto nessa caminhada. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Aproveitando essa puxada, vamos então chamar a Banda Olodum, a Banda da Escola Olodum com o cantor Lucas di Fiori

para iniciarmos aqui uma série de homenagens a pessoas que se incorporam a essas vozes contra o racismo.

(Procede-se à apresentação musical.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Valeu, Lucas di Fiori e essa Banda da Escola Olodum, sempre arrepiando, essas que são lutas históricas travadas pelos nossos blocos afro, o Olodum, o Ilê, o Malê Debalê, o Cortejo, são lutas ainda atais e os blocos afro trazem essa marca, esses tambores pela igualdade.

A gente queria aproveitar esse momento que a banda entrou e antes das falas, porque algumas pessoas vão ter que sair um pouquinho mais cedo, homenagear algumas dessas vozes, com um pequeno azulejo e, aí, em seguida, essa pessoa faria a sua fala. Então eu e o deputado Jacó, a gente queria homenagear em primeiro lugar, não nessa ordem hierárquica, João Jorge do Olodum, por trazer sempre essa luta da Revolta dos Búzios. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): E, agora, convidar João Jorge para fazer a sua fala. Nós temos algumas atividades culturais, vamos dar o tempo em torno de 4 minutos para cada um dos integrantes da Mesa.

O Sr. JOÃO JORGE: Bom dia, meus compatriotas, minhas compatriotas, quero lhes falar sobre um assunto muito simples: a igualdade. O sonho da Bahia, dos soteropolitanos, o sonho da nossa gente, em 1798, quando nas ruas do Pelourinho, no Carmo, na Preguiça, apareceram 11 avisos, falando de algo insuportável para a elite portuguesa, para a elite brasileira e para a elite baiana. A ideia de um Brasil, de uma Bahia e de uma Salvador desenvolvida, socialmente justa e, ao mesmo tempo, em que a cor da pele não fosse fator de privilégios e de desigualdade.

Esse período, entre 12 e 25 de agosto, está muito bem documentado pelo professor Luís Henrique Dias Tavares. (Palmas) Provavelmente, o herói dessa história, mas também Kátia Mattoso, Florisvaldo Matos, Patrícia Valim, Antônio Godi, Joel Rufino e, mais recentemente, a experiência do Olodum desde 1983 em falar de algo extremamente escondido, ocultado de jovens, adultos e idosos. A história profunda da Revolta dos Búzios, da Revolta das Argolinhas, da Conjuração Baiana, da Conspiração Baiana, da Revolta dos Mulatos, quaisquer que fossem os nomes dados a isso.

A Bahia é pródiga em poder simbólico. Nós temos 250 monumentos em Salvador, a maioria deles de portugueses e de seus descendentes. Temos pouquíssimos monumentos dos africanos e dos nossos antepassados. Temos pouquíssimos monumentos da população indígena, mas nós gostamos de nomear ruas, viadutos e estações de metrô com nomes de opressores. Na Revolta dos Búzios, nesse dia, 8 de novembro, pela manhã, os quatro heróis do Brasil saíram numa carroça de madeira muito ruim para dar suas vidas por este país, na realidade está começando a ser visível nas redes sociais. Hoje se fala disso, que deveria o Ministério Público da Bahia torná-los heróis do Ministério Público da Bahia. Deveria a OAB da Bahia torná-los heróis da

OAB da Bahia, deveria esta Casa, a Assembleia do estado da Bahia, ter aqui os nomes dos deputados primeiros do Brasil tão grandes quanto a placa que estou vendo

aqui agora. (Palmas) Quem não honra o seu passado não tem presente, não pode ter futuro.

Ora, esses personagens assinaram o Aviso X, eu tenho aqui em mãos, e assinaram dizendo “Do povo bahiense, em consulta aos deputados e representantes, que são 392...” O Aviso X está no Arquivo Público da Bahia, sob a proteção da Fundação Pedro Calmon.

E o que é a Revolta dos Búzios? A pior história, o pior pesadelo para os opressores. Raramente um governador da Bahia cita a Revolta dos Búzios. Muitos parlamentares desta Casa deveriam estar aqui hoje por respeito a esta Assembleia, por respeito a história desta Assembleia e de uma luta de deputados que terminou numa tragédia: o esquartejamento e a morte de João de Deus, Lucas Dantas, Manuel Faustino...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) e Luís Gonzaga, sendo que eles cometeram um crime muito terrível, deputado Álvaro – deixe-me chamá-lo de deputado Álvaro –, eles sabiam ler e escrever quando não havia escola pública na Bahia e no Brasil. Por isso, Luís Gonzaga, além de ser esquartejado, ele teve as mãos decepadas para que os negros, as negras, os mestiços não voltassem a escrever avisos como esse ou como o primeiro aviso: “Animai-vos, povo bahiense”.

Ainda hoje nós travamos essa batalha. Quem é da comunidade negra que fala, lê e escreve é visto como não negro. Quem é da comunidade negra que não segue somente a oralidade parece que não é da comunidade negra. E nossos antepassados escreveram capítulos importantes da Independência da Bahia e do Brasil: A Revolta dos Búzios.

O avô de Ruy Barbosa foi o advogado dessas pessoas. Entre cinco e oito, fez vários embargos alegando que eles não compreendiam essa dimensão da revolução. E, ainda assim, os seus algozes, no dia 8, executaram a sentença.

Quem exatamente são esses algozes e como eles são homenageados pela Bahia de hoje? Vamos lá: D. Maria I, há o nome “Estrada da Rainha”; “Dom João VI”, príncipe regente, é o nome de uma rua importante de Brotas; Costa Pinto, desembargador na época, tem nome de rua e de avenida; e Sabino Silva.

Nós somos a única cidade do mundo em que nomes de assassinos, de algozes estão nas ruas, enquanto os nomes dos heróis não estão em lugar nenhum. (Palmas) Nós somos a única cidade do mundo, entre as cem grandes cidades negras, que desde 1799, desde esse dia, aborta a possibilidade de um negro ou uma negra ser prefeito, ou ser governador, ou ser senador. (Palmas) Não é um *apartheid* escrito, é um *apartheid* invisível.

Por isso, o movimento negro brasileiro demorou de entender que mesmo homenageando o Quilombo dos Palmares, Zumbi dos Palmares, nossa principal tarefa era trazer para a cena, para as escolas, para os grupos de capoeira, para os grupos de candomblé, para a escola pública, para a universidade, para os órgãos da Justiça essa fantástica história da igualdade que o professor Luiz Henrique Tavares, durante os últimos 50, 60 anos, pesquisou na Holanda, em Portugal e na Inglaterra.

Olodum adora essa história. Ela é parte do nosso ser porque estamos no Pelourinho, porque nascemos no Pelourinho em 1979, há 40 anos, com a mesma conotação social: negros, mestiços e brancos lutando pela igualdade, sendo o bloco afro mais discriminado da cidade de Salvador por ser do Maciel, Pelourinho, local em que todo mundo dizia que nada iria dar certo.

Mas, 40 anos depois, é uma marca brasileira, uma marca baiana no mundo: 40 países visitados, 55 personalidades, 4 prêmios Nobel da Paz, oportunidade para percussionistas, cantores e compositores, geração de receita, ou seja, com o Olodum a Revolta dos Búzios começa a voltar à cena. E mais do que voltar à cena, prestigia soteropolitanos, baianos e brasileiros que lutaram não por uma cor, não por uma raça, mas lutaram por um ideal que é muito caro à Bahia.

Os dados destes dias de agora mostram a perversidade da pobreza baiana. Ela tem cor, tem gênero e tem raça. A Bahia não é um lugar desenvolvido, Salvador não é uma cidade desenvolvida porque enquanto a nossa população morrer sob o genocídio que começou naquele dia, com o estado matando os quatro primeiros heróis do país, não poderá ser um lugar desenvolvido.

E eu quero terminar trazendo aqui um instrumento que ajudamos a criar: a Constituição do Estado da Bahia. Em 1989, viemos a esta Casa, junto com vários parlamentares, criar o primeiro capítulo do negro no direito constitucional brasileiro. Ajudamos a criar um capítulo de ação afirmativa para a publicidade dizendo que cada vez que o estado...

(O Sr. Presidente faz soas as campanhas.)

(...) fizesse uma propaganda com mais de duas pessoas, deveria ter negros. Ainda hoje, o estado da Bahia burla isso colocando multidões. Ora, se esse estado não é civilizado, nós vamos torná-lo civilizado. Se a cidade não é civilizada, nós vamos fazê-la civilizada, porque foi assim que se fez na África, na Ásia, em vários lugares do mundo. A opressão não pode ser permanente.

A Revolta dos Búzios, hoje, não é para a gente lamentar a execução, a morte, o esquartejamento dos quatro personagens da pátria, não é um patrimônio dos partidos políticos atuais, não é um patrimônio da militância negra atual. A Revolta dos Búzios, hoje, é um patrimônio do Brasil moderno; a Revolta dos Búzios, hoje, é um patrimônio da civilização. É algo que nos instiga. Nós estaremos nas ruas à tarde, 13h, na Piedade, depois na Câmara Municipal, às 19h, nas ruas do Pelourinho, com o Olodum...

(O Sr. Presidente faz soas as campanhas.)

(...) com a Escola do Olodum, para que, com os tambores da vida, o som do berço da humanidade, o som africano da Revolta dos Búzios, a gente celebre o que tem de mais importante, uma história, (palmas) uma história que os opressores não conseguem nos tirar. Mais do que não conseguir nos tirar, em qualquer lugar do mundo, hoje, o governador, o prefeito, senadores, os 63 deputados estariam aqui para homenagear essa saga, que é a saga da capoeira. A Revolta dos Búzios é a capoeira, é o candomblé, é o maculelê, é o Ilê Aiyê, é o Olodum, é a arquitetura Zulu Araújo. É, mais do que nunca, a Revolta dos Malês, Gilberto Leal. É a Sociedade Protetora dos Desvalidos. A Revolta dos Búzios, ela é a mulher, é feminina, e é ela que chegará ao

poder nesta cidade para mudar tudo isso. Onde há sujeira, chame as águas de Oxalá; onde há perversidade, chame a justiça de Xangô; onde há essa incoerência da Bahia, do passado estar presente hoje, e há necessidade de revolução, chame a comunidade negra que nós conseguimos resolver isso todos os dias.

Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Obrigado, João Jorge, pelas suas palavras.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Gostaria de... Vamos homenageá-lo?... Então o próximo homenageado vai ser Rafson Ximenes, defensor público do estado da Bahia. (Palmas)

(A deputada Dra. Fabíola Mansur assume a presidência da Mesa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Convidamos Dr. Rafson para fazer uso da palavra pelo tempo de 4 minutos, ao tempo em que convocamos a Defensoria para conseguir continuar nessa árdua batalha, junto com a nossa ouvidora que está ali sentadinha, em defesa da Bahia e pela igualdade. Parabéns, Dr. Rafson.

O Sr. RAFSON SARAIVA XIMENES: Bom dia a todas e a todos, quero agradecer ao deputado Jacó e à deputada Fabíola o convite e a homenagem, vou tentar ser bem breve porque sei que tem muitas pessoas para falar e com um poder de fala melhor do que o meu, inclusive. Mas é fundamental que no contexto em que a gente vive, em que se volta a falar em AI-5, se volta a falar em pessoas através de arrobas, que a gente saiba relembrar a história e saiba identificar uma realidade que acontece no Brasil desde 1500.

Todas as lideranças populares foram criminalizadas, todas as lideranças populares foram presas ou, pelo menos, foram acusadas. Todas, sem exceção. Possivelmente todas as lideranças populares negras chegaram a ser presas. As brancas, algumas foram acusadas, não chegaram a ser presas, mas todas foram criminalizadas.

É importante que, cada vez que a Assembleia Legislativa ou qualquer espaço institucional chame a população para discutir, para resgatar a memória, a gente faça um alerta para o nosso povo, a gente faça um alerta. É fundamental que se faça 1 minuto de silêncio como forma de respeito, como a gente fez aqui hoje. Mas o mais importante ainda é que a gente saiba que, a partir desse minuto de silêncio, a partir desse respeito, chegue também a hora de fazer um pouco de barulho sobre essa história. Chegue a hora de gritar em todos os cantos a história da Bahia e principalmente a história de quem sempre foi tratado, quando lutou por causas sociais, como conjuradores, como inconfidentes... O nome que se dá na história oficial aos movimentos populares já é um nome pejorativo, já é um nome que evoca traição.

Foi a Revolta dos Búzios, foi a Revolta dos Malês, foram vários os movimentos que aconteceram e que a Defensoria Pública tem tentado, ao longo dos últimos anos, sempre trazer à memória. São vários eventos que nós viemos realizando, de resgate da história. Inclusive, aproveito para fazer aqui um convite, no dia 26 de novembro, às 9h

da manhã, no auditório da Uneb, vamos fazer um júri simulado de Manuel Faustino como forma de evocar a memória dele, (Palmas) assim como já fizemos de Luiza Mahin, de Zumbi dos Palmares, do índio Caboclo Marcelino, de Lucas da Feira, de Carlos Marighella, de Cuíca de Santo Amaro, momento para lembrar e trazer para a sociedade a complexidade ...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) que é a perseguição dos pobres. É uma perseguição que começa da mesma forma que acontece neste momento da história. Vejam que, se acontecesse uma Revolta dos Búzios hoje, quem faria a defesa de Lucas Dantas, de Luís Gonzaga, de Manuel Faustino seria a Defensoria Pública. Mas, ainda hoje, depois de tudo que nós passamos, as pessoas lembram com mais facilidade de quem faria a acusação. As pessoas esquecem o nome da instituição que faria a defesa, mas todos lembram da que faria a acusação, porque é muito mais estruturada, porque tem muito mais orçamento para publicidade, por exemplo.

Vejam que acabamos de viver um momento histórico ontem, no nosso país, em que foi preservada a presunção da inocência. Um momento que aconteceu, e eu falo isso sem nenhum medo de estar fazendo qualquer exagero, porque ninguém tinha dúvida juridicamente do que significa um texto que fala que ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) da sentença condenatória. Ninguém tem dúvida disso, tanto que houve uma piada, que circulou ontem, de que o STF decidiu por 6 a 5 porque ele sabe ler. A questão era política. Na hora de se fazer a política, se é tão cruel que, aí, se usa o argumento de dizer que a presunção de inocência só serve para os ricos, não serve para os pobres. O que mudou o discurso foi que a Defensoria Pública comprovou que quem mais ganha ações no Supremo Tribunal Federal é a Defensoria Pública e que a vítima, na quebra da presunção de inocência, não era...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) Eduardo Cunha, não era Eduardo Azeredo, não era sequer Lula, era a população pobre, a população negra.

Fica um desafio, aqui, agora, eu queria encerrar com um desafio para todo mundo que acompanhou isso, que gritou “Lula livre!” ou que não gritou “Lula livre!”, mas defendeu a presunção de inocência. Foi uma vitória o julgamento de ontem no STF, mas o voto do presidente do STF foi um voto que deu uma sinalização muito grave. Ele sinalizou com muita clareza que o objetivo dele, neste momento, é endurecer o sistema penal para as vítimas habituais do sistema penal. E aí o que eu faço aqui é um apelo de coerência, é um apelo de coerência para todas as lideranças...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) que acompanharam, naquele momento, o julgamento defendendo o cumprimento da Constituição: que continuem nessa luta, que continuem nessa luta porque foi anunciado que vai vir uma onda muito forte. Lula vai estar livre, mas tem

milhares, centenas de milhares de jovens negros que poderão perder a liberdade se a gente não continuar resistindo da mesma forma que a gente resistiu neste momento.

Então, em memória de todos os mártires da Revolta dos Búzios, o apelo que faço a esta Assembleia, o apelo que faço às lideranças políticas que estão aqui, tanto as lideranças entre os deputados quanto as lideranças populares que estão aqui, é que, da mesma forma que se gritou pelo respeito à Constituição por Lula, vamos continuar gritando pelo respeito à Constituição pela população negra da Bahia.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Obrigada, Dr. Rafson. Muito bom esse seu discurso, esse seu destaque é importante para nos lembrar das lutas diárias.

Eu quero, agora, eu e o deputado Jacó, em homenagem a ele, que presidiu a Comissão da Revolta dos Búzios no ano passado e que, hoje, é o presidente da Fundação Pedro Calmon, e militante do movimento negro e das lutas pela igualdade, meu querido amigo Zulu Araújo, convidá-lo para fazer a sua fala, pelo tempo de 4 minutos.

O Sr. ZULU ARAÚJO: Bom dia a todos e todas.

Em nome da secretária de Cultura do Estado da Bahia, Arany Santana, eu gostaria de saudar a deputada e o deputado que elaboraram o projeto desta sessão, a deputada Fabíola Mansur e o deputado Jacó.

Gostaria também de saudar o nosso decano, não apenas decano do movimento negro, mas decano, também, na luta da Revolta dos Búzios, João Jorge dos Santos Rodrigues. (Palmas)

Já que estamos falando de memória, é importante a gente registrar na nossa memória que em 1983 João Jorge dos Santos Rodrigues já pleiteava, dentro do Olodum, que nós transformássemos a Revolta dos Búzios como a grande referência de luta do movimento negro baiano, mas não apenas do movimento negro baiano, da sociedade baiana. E por isso mesmo é que merece que a gente faça essa homenagem especial a ele, ainda mais quando hoje, 35 anos depois, nós temos não apenas a evocação do Olodum, mas temos um conjunto de atividades sendo celebradas, ao longo do dia, em torno da Revolta dos Búzios.

Gostaria também de saudar a secretária Fabya Reis, secretária que tem, desde a sua assunção a essa condição, dado não apenas importância, mas a sua colaboração e a sua contribuição para que a Revolta dos Búzios seja parte das celebrações do Novembro Negro. E na pessoa dela eu aproveito para saudar todo o restante da Mesa.

Eu gostaria de fazer a minha saudação com uma das letras mais interessantes, mais belas que eu conheço do repertório do Olodum. Ela é de Germano Meneghel, que já se foi, mas que também deu a sua contribuição para a Revolta dos Búzios se perpetuar.

(Lê) *“Para obter um reinado*

É preciso lutar

Com esforço e dinamismo

*O Olodum vem saudar
Foi um ato marcante
Que aconteceu em Salvador
Foi a Revolta dos Búzios
João de Deus, Maciel e Pelô
Nasce uma nova era
Era um novo poder de criar
Alfaiates, argolas, búzios
Olodum relembrar
Cultura africanizada
Olodum, Pelourinho
Bahia, Salvador
É a Revolta dos Búzios,
No Brasil sim, senhor
Emôriô, emôriô
Emôriô, emôri paô.*

Emôriô deve ser uma palavra nagô, uma palavra de amor, um paladar. Emoriô deve ser alguma coisa de lá, alguma coisa do céu para Oxalá.

Toca zabumba que a terra é nossa!” (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Você ia cantar, inclusive, mas a gente se lembra muito.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Eu quero aproveitar essas intervenções culturais e palavras do nosso querido Zulu e convidar Paulo Nery, ele que é diretor teatral, publicitário, ator, escritor, compositor, dramaturgo, para receber uma homenagem e também para fazer uma leitura dramática de fragmentos do Livro da Revolta dos Búzios.

Paulo. (Palmas)

O Sr. PAULO NERY: Ele esqueceu aqui. Vou levar dois para casa, viu, Zulu? Ele esqueceu o dele aqui. (Palmas)

Gente, bom dia! Muito obrigado pelo convite.

Eu quero chamar uma amiga, a atriz Angela Daltro, para fazer comigo a leitura do fragmento. (Palmas)

Enquanto ela chega, eu vou só falar um pouquinho sobre o livro. *A Revolta dos Búzios*, gente, foi um apoio, um grande apoio desta Casa, porque sem esse apoio eu não teria publicado. Mais uma vez agradeço. E a minha intenção maior não é nem vender – é claro que todo mundo precisa de um dindin –, mas é fazer essa história ser conhecida pela rede de ensino do estado, enfim, da prefeitura, porque eu só vim conhecer isso agora já grande, adulto, por incrível que pareça.

Então, eu fiz a doação de uma quantidade do livro para a Fundação Pedro Calmon, eu mesmo levei a algumas escolas o livro, fiz a doação, três para cada escola, e isso me deixou muito feliz porque está proliferando essa história que muita gente, inclusive, não conhece.

(Procede-se à apresentação artística.) (Palmas)

O Sr. PAULO NERY: Obrigado! Obrigado a Ângela Daltro!

Gente, só para lembrar que na história da Revolta dos Búzios também existiram mulheres, quatro ou cinco, mas existiram mulheres.

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Ana Romana...

O Sr. PAULO NERY: Ana Romana, Domingas...

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): ...Lucrécia, Domingas, Vivência...

O Sr. PAULO NERY: (...) Francisca, Lucrécia...

Não esqueçam disso, nossos heróis também são mulheres.

Parabéns a vocês mulheres!

Muito obrigado, mais uma vez. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Obrigada a Ângela Daltro e Paulo Nery por essa intervenção dramática.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): A gente quer homenagear antes das falas, porque já estamos caminhando para o final, mas homenagear pessoas também que estão aí, na plateia, e que fazem parte também dessa luta, e autores de livros que também exaltaram essa história.

Então, eu queria... nós queríamos fazer uma homenagem ao professor Luís Henrique Tavares, *in memoriam*, que está sendo representado... não, em memória, não. Perdão. Professor Luís Henrique Tavares está sendo representado pelo seu filho, nosso amigo querido, Luís Guilherme. Então, queria que você viesse, aqui, receber...

Nosso professor Luís Henrique. (Palmas)

Professor Luís Henrique é autor do livro.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Queria também que a gente homenageasse a professora Taíse dos Anjos Santos, psicóloga, escritora, mestra em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia, especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Gestalt-Terapia da Bahia.

Professora Taíse dos Anjos Santos. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a PRESIDENTE (Dra. Fabíola Mansur): Enquanto Taíse se encaminha para a tribuna, vamos registrar as presenças da capitã Aline, que é comandante da Base Comunitária do Calabar, parabenizar pelo seu trabalho, capitã; as lideranças populares Mem Costa e Ivanilson; também aqui, junto com os estudantes do colégio do Bairro da Paz, Mestre Paulo dos Anjos; Sirlene, nossa ouvidora; gostaríamos de chamar para a

Mesa a Defensoria, já aqui representada anteriormente por Dr. Rafson; Ângela, querida Ângela, presidente da Unegro.

Aqui vamos estar, na medida em que cheguem, registrando. (Palmas)

Professora Taíse.

A Sr.^a TAÍSE DOS ANJOS SANTOS: Bom dia a todos e todas!

Eu estou bem emocionada e feliz. Eu saúdo a Mesa. Para mim, é muito gratificante e emocionante estar aqui neste momento, e dizer para vocês que, assim, eu sou fruto dessa revolução, porque eu chamo de revolução, está em mim, está viva em mim, está viva em nós. E o livro é fruto dessa inspiração que eu sinto, que eu senti.

E essas leituras chegaram às minhas mãos. Eu consegui adquirir essa libertação mental através das leituras e discussões decoloniais, e a revolução dos Búzios faz parte. Eu não chamo de revolta, eu chamo de revolução, porque se a gente está aqui hoje, se temos esta Mesa, se temos este espaço que está aqui, se é uma transformação que perpetua e continua, então, é uma revolução.

Uma das coisas que eu coloco, que eu acho muito importante, é que – assim como reverbera em mim, enquanto mulher negra, também no meu trabalho, enquanto professora – eu tive muita inspiração através da Escola Olodum, que foi onde eu trabalhei durante 8 anos.

Eu tenho experiência com escuta de jovens, que me disseram, sustentam, inclusive, nessa escrita que eu fiz do livro: que eles, nossos heróis e nossas heroínas, fizeram um trabalho e se envolveram numa luta que a gente continua. E eles e elas se sentem responsáveis por continuar essa luta. Assim como eu estou me incluindo nessa roda de continuidade, esses jovens e essas jovens também continuam.

Então, gratidão. E é isso. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Parabéns pela autoria do livro *Búzios que Instigam– Percepções de Comunicação*.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Agora, pelo tempo de 4 minutos, nós vamos convidar Heloísa Lima, nossa querida, representando a Coordenação Nacional da Juventude Negra. (Palmas)

A Sr.^a HELOÍSA LIMA: Bom dia a todos e todas.

Gostaria de dizer que é muito legal estar deste lado do plenário.

Eu gostaria de saudar toda a Mesa na pessoa da secretária Fabya Reis; Gilberto Leal, Tonho Matéria, Jacó e os demais.

Gostaria, também, de agradecer pela oportunidade de estar neste espaço, falando numa sessão solene sobre uma revolta que foi muito importante para nós, principalmente para a juventude negra, porque, como nós sabemos, os líderes e os heróis da Revolta dos Búzios foram os jovens, e um deles tinha 18 anos, e também as mulheres que estiveram presentes.

Meu nome é Heloísa Lima, eu faço parte do coletivo chamado Coletivo Malês, um coletivo de juventude. Também faço parte da Juventude da Conen, que é a Coordenação Nacional de Entidades Negras. Sou conselheira estadual de juventude e também sou formada, bacharelado em Humanidades, e mestranda do programa de pós-graduação Estudos Africanos, Povos Indígenas e Cultura Negra, da Uneb. (Palmas)

Eu sempre gosto de falar sobre a minha formação, porque isso faz parte de uma história de luta do povo negro, principalmente aqui, na Bahia. E estar numa sessão especial falando sobre a Revolta dos Búzios é falar sobre a trajetória dos meus ascendentes, que permitiram eu estar aqui hoje.

Como a colega professora falou, está viva em nós também essa revolta. Essa revolta está viva em nós em cada luta que a gente trava, por exemplo, contra esse governo; a luta que a gente trava diariamente contra o extermínio da juventude negra, que cerceia as vozes e as vidas da nossa juventude; está em cada mulher que sofre por feminicídio; cada LGBT que é morto, assassinado neste Brasil. Então, saudar esses heróis e heroínas é tão importante para nós.

Eu, enquanto mulher, jovem, negra e futura professora vejo as carinhas dos estudantes aqui, da escola... Eu vim da escola pública, hoje estou no espaço universitário e espero que vocês também cheguem lá. Eu espero que essa revolta seja contínua. Contínua no sentido de não parar de lutar, porque ainda falta muita coisa, falta muita coisa para a gente conquistar. E se eu estou aqui hoje, enquanto mulher, jovem, negra, que também vim da escola pública, espero que nasça em vocês essa revolta, essa vontade de continuar lutando.

Gostaria, também, de falar sobre uma agenda importante que é o Novembro Negro. Ele é sempre muito importante para a gente porque a gente não é só um dia. Não é só o 20 de novembro que a gente deve falar e sim o mês todo – o ano todo também –, mas no mês da consciência negra é importante que a gente faça as nossas atividades.

No dia 16 de novembro, estará acontecendo o Encontro do Coletivo Malês, na cidade de Ilhéus, no Litoral Sul. No dia 17 de novembro, o Orooni Xangô, com o tema: A efetividade do Sistema de Justiça. No dia 20 de novembro, acontecerá a Marcha da Consciência Negra, que neste ano estará completando 40 anos, e também o lançamento de uma cartilha, da qual fiz parte da construção. No dia 29, como todo ano, a Coordenação Nacional de Entidades Negras, Conen, faz uma excursão até a Serra da Barriga, no Quilombo dos Palmares.

Então, é um convite que faço aos estudantes e a todos os presentes.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Muito obrigado pela sua participação, Heloísa.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Eu gostaria de chamar algumas pessoas para receberem a nossa homenagem do dia de hoje. Gostaria de chamar a professora, companheira de luta, Edenice Santana. (Palmas)

Essa liderança... Suba aqui para receber a sua justa homenagem. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Vamos fazer o seguinte: D. Edenice quer falar, nós vamos conceder a fala em respeito aos mais velhos. D. Edenice. (Palmas) E chamaremos os demais homenageados para terminarmos as falas. Ainda temos duas falas da Mesa e a secretária Fabya, mas a gente não pode...

A Sr.^a EDENICE SANTANA: Falar em 1 minuto fica difícil. Fica difícil porque eu tenho que fazer esse momento, um momento de trajetória, que para Edenice Santana é muito difícil, Fabíola e o meu companheiro que está organizando este momento tão especial. E a todos vocês que estão na Mesa, e a esse plenário: vidas negras importam. A vida nossa, do povo preto, importa.

E a vida de Edenice... Eu quero, em primeiro lugar, em memória aos mártires da Revolta dos Búzios, quero pedir a bênção ao dono do mundo, dono das nossas vidas, quero pedir a bença, agô, à minha ancestralidade e a vocês. E quero pedir agô aos mártires da Revolta dos Búzios, a Luís Gonzaga, a João de Deus, a Manuel Faustino e às mulheres, em nome de Ana Romana e de todas elas que também participaram dessa luta.

Quero pedir agô ao Haiti, a primeira república negra que conseguiu a sua independência (palmas), a Angola, a todas as lutas de resistência. Enquanto a mulher preta, que veio a este tribunal para julgar um país... Porque não podemos esquecer que nós somos africanistas, que nós somos internacionais e que é essa ancestralidade que nos dá força e inspiração.

Não podemos deixar de lembrar, também, que neste dia de hoje nós precisamos celebrar esses mártires que deram suas vidas por amor. Por amor a este solo brasileiro, que foi lavado de sangue desde a sua fundação, a partir do nosso povo indígena, os verdadeiros donos deste solo. O solo brasileiro tem uma coisa estúpida, que foi a escravidão. Os primeiros que foram considerados como mercadoria, que foram marcados a ferro foram da escravidão brasileira.

Então, em nome desses heróis, minha companheira, e vocês que estão na Mesa, os meus companheiros de muitas lutas, quero dizer que na minha fala quero homenagear todos vocês, mas especialmente a minha família, que me segurou. Tenho aqui o meu filho e o meu primo, os meus filhos, para ser homenageada. E eu disse a Cristiano: eu vou dar uma chicotadinha em vocês, porque é muita emoção. Foi emoção quando Marta Rodrigues, a vereadora, me fez uma homenagem, me dando a Medalha Zumbi dos Palmares. (Palmas) Quando fui comunicada – porque eu já sabia que hoje à tarde também seria homenageada –, eu disse: será que Edenice merece tudo isso?

É porque a minha caminhada, não só de Edenice, mas daquelas mulheres que perdem seus filhos, com o genocídio da nossa juventude negra, o desemprego, a fome... E dizer que desde que tomei consciência da luta do meu povo preto, que lutou para que a gente fosse feliz, é com indignação... Como os companheiros pediram para eu falar só 1 minuto, tudo que escrevi, fiz o meu dever de casa na madrugada, porque

eu não dormi essa noite... Porque, Jacó, quando eu soube da notícia, desde a outra vez que eu fui homenageada...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) Neste terceiro milênio, em que há a ideologia do ódio, nós temos que saber o que estamos fazendo aqui neste momento. Essa elite não nos suporta! E neste momento se tem um preso político, somos nós que estamos presos! E nós temos que falar. Ontem dialogava com o companheiro Gilberto Leal, que é minha grande referência, que é uma biblioteca... (Palmas)

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) que me ajudou e me ajuda a cada momento a refletir sobre a história do povo negro. Foi meu irmão Hamilton Vieira – eu ia para casa dele, mas hoje ele já está no Orum –que também me ajudou muito a pensar a vida do nosso povo.

E aí, meus companheiros, quero terminar dizendo: não dá para suportar! É essa a responsabilidade que nós temos nesta manhã de hoje, ao ver o Estado brasileiro sendo quebrado, perdendo os nossos direitos, perdendo a soberania do país, ao ver o desemprego e a fome. E temos que, de fato, sair com algumas propostas. Para mim, meu companheiro, temos que construir uma frente anti-imperialista com todos os movimentos, conseguir conviver neste momento de reflexão, com a pedagogia da diferença, e nos unir. Porque eles estão unidos para querer nos destruir, porque têm ódio do nosso povo, têm ódio de preto e de pobre e daqueles que construíram a verdadeira riqueza deste país.

E, terminando, eu não poderia sair deste plenário, deste que eu chamo de tribunal para julgar esse sistema cruel e perverso, sem dizer, não Lula livre, mas Lula inocente! (Palmas) Também Abu-Jamal – a minha companheira, minha jovem que me antecedeu falou dos 40 anos da Marcha da Consciência Negra –, Abu-Jamal, preso político que foi dos Panteras Negras, é também a quem estamos fazendo essa homenagem nos 40 anos da marcha na nossa cidade. E Luisa Hanune, condenada a 15 anos de prisão porque é alguém que incomodou o sistema cruel e perverso.

Meus companheiros, que possamos estar de fato neste plenário na certeza de que nós não estamos derrotados. Precisamos ir às ruas! E construir neste país... Porque não falamos mais hoje em socialismo, é preciso reforçar isso ou a barbárie...

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Concluindo.

A Sr.^a EDENICE SANTANA: (...) porque é para isso que estamos caminhando. Quero aprovar aqui uma moção para esses três revolucionários...

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Conclua, minha liderança.

A Sr.^a EDENICE SANTANA: (...) e todos os presos políticos. Que a gente possa sair deste plenário... Eu vou passar para vós, para a Mesa, para que a gente possa aprovar essa moção e dizer: vamos às ruas! E a gente poder neste momento preparar as nossas... Em cada lugar, em cada cidade, em cada escola, em cada canto de trabalho, parar a produção, mobilizar a comunidade, conversar com a nossa meninada...

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Conclua. Conclua, por favor.

A Sr.^a EDENICE SANTANA: (...) com os jovens, com os idosos, e construir uma grande greve geral neste país. Parar o país, porque a gente é maioria e eles têm medo da gente! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Obrigado.

A Sr.^a EDENICE SANTANA: Meu muito obrigada por esta homenagem neste momento. E que saíamos daqui para não ficar somente nas sessões, mas cada um tome para si que é preciso dar uma virada e uma rebeldia neste país para mostrar a esses golpistas que nós não temos medo deles.

Muito obrigada.

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Valeu.

A Sr.^a EDENICE SANTANA: Aqui estamos para dizer, não Lula livre, mas Lula é inocente, como todos os que estão presos também são inocentes.

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Isso aí.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Gostaríamos de chamar Rafael Manga, em nome de Ademário Costa. Pelo avançado da hora, vamos chamar todos agora e vamos fazer uma entrega coletiva. Pedimos desculpas. Vamos chamar Ligia Margarida, representada por Regina Célia, vice-presidente da SPD. Gostaríamos de chamar Cris Barros para fazermos uma entrega coletiva; Edmilson Lopes, representando Dete Lima, do Ilê Aiyê; e o babalorixá Xalmir, Pai Val. Por favor, vamos fazer a entrega coletiva.

A Sr.^a Regina Célia: Boa tarde, gente. Pelo avanço do horário, eu não poderia deixar de falar jamais. A SPD é a primeira instituição civil do Brasil a defender a população negra. Foi fundada no século XIX, ou seja, em 1832 e ela nasce, justamente, entre o período da Revolta dos Búzios e a Revolta dos Malês.

Então, pelo adiantado do horário, convido a todas e a todos a conhecerem a nossa instituição, o primeiro grande marco para a questão da igualdade, caridade e fraternidade da população negra. O nosso endereço fica na Rua Cruzeiro do São Francisco, nº 17. Ponto de referência: entre a Igreja de São Francisco e o Banco do Brasil.

E parabéns aos professores que trouxeram seus alunos para esse evento. Jovens, lembrem-se: o enforcamento e o esquartejamento da população negra ainda não terminou, continua de forma sutil e perversa. Muito obrigada. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Babalorixá Xalmir, o Pai Val.

O Sr. Pai Val: Queria neste momento agradecer à Assembleia Legislativa, na pessoa dos deputados Jacó e Fabíola, e dizer que estou estendendo essa homenagem a todos os povos de axé de Ilhéus e da região do cacau. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Edmilson, representando Dete Lima, do Ilê Aiyê. Edmilson você é do Ilê Aiyê, a homenageada é Dete. (Palmas)

Eu acho que se as pessoas quiserem falar 1 minuto, pode ser daqui mesmo.

O Sr. Edmilson Lopes: Serei breve.

Para falar sobre os 220 anos da Revolta dos Búzios, pegarei um recorte da fala de João Jorge, quando ele diz que a história está posta. E a esses jovens que estão aqui, essa turma que está começando a fazer a discussão do que é ser negro no Brasil, devo dizer que é preciso trazer a perspectiva – e aí falo na área de educação – de fazer essa história ser bastante contemporânea. Tivemos esses quatro mártires, mas quando sento na Piedade e vejo nossos jovens ou mesmo nossos jovens adultos, universitários, que passam por ali, noto que eles não conseguem visualizar essa história.

Então a gente precisa recuperar a nossa história, principalmente, para os jovens que estão chegando agora. Porque só o conhecimento nos traz o poder de discutir o tempo todo e de fazer a transformação. Esse é o papel tanto da Dete Lima como de todos que estão dentro do Ilê. Essa é fala dessa organização.

Muito obrigado a Jacó e a Fabíola. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Chamo a deputada Fátima Nunes para vir entregar, junto conosco, a Cris Barros esta homenagem pela luta antirracista.

A Sr.^a Cris Barros: Quero agradecer por esta homenagem e agradecer, em especial, ao deputado Jacó e à deputada Fabíola Mansur. Também agradeço aos demais integrantes da Mesa nas pessoas dos meus companheiros do Conen, que já foi a minha residência de militância no movimento negro, do qual me orgulho muito. Agora estou militando em outro espaço, o Círculo Palmarino.

Mas quero dizer que esta homenagem não é para Cris Barros, não. Estendo esta homenagem a todas as minhas companheiras do Fórum Marielles e para as mulheres que estão nas favelas, nas quebradas, nos quilombos, que fazem o enfrentamento diário e que não têm sequer a condição de desistir da luta. Sobretudo num momento, num contexto muito difícil para o nosso país, em que a gente vê os nossos direitos – conquistados com muita luta – sendo de repente desmantelados por esse desgoverno que está tomando conta do nosso país nocivamente. Porque as suas medidas, as suas reformas, os seus programas e pacotes impactam, direta e negativamente, na população negra, sobretudo nos jovens negros e nas mulheres negras.

Então divido esta homenagem com todas essas mulheres que, mesmo sem nenhuma condição, fazem um enfrentamento diário contra o racismo em todas as suas formas, porque o racismo se reinventa. (Palmas)

A fala vai ser breve, mas não poderia deixar de dizer que há de chegar o dia em que todas as mulheres que estiveram nas batalhas, que compuseram as frentes de luta, também serão reconhecidas. Essa é a minha mensagem.

Meu muito obrigada e bom dia a todas. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Convido Rafa Manga para receber a homenagem, representando Ademário Costa, atual presidente do diretório municipal do Partido dos Trabalhadores, em Salvador.

O Sr. Rafael Manga: Em nome do Partido dos Trabalhadores, agradeço à Comissão de Promoção da Igualdade da Assembleia Legislativa da Bahia.

Gostaria de fazer uma reflexão sobre este momento que estamos vivendo. No ano passado, quando comemorávamos 219 da Revolta dos Búzios, um homem negro

foi enforcado na Caixa Econômica Federal. Hoje, nós nos reunimos na Bancada do Feijão para falar sobre uma Salvador negra. É a nova conspiração dos Cavaleiros da Luz que está posta aí. E tudo isso nos mostra que a Revolta dos Búzios não morreu, ainda está de pé.

Avante e vida longa ao povo negro! Viva a Revolta dos Búzios!

Muito obrigado. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): E agora vou chamar a última homenageada do dia, Dandara Pinho, presidente da Comissão de Promoção da Igualdade Racial da OAB. Em seguida, passaremos para as três últimas falas e encerraremos a nossa sessão com o pronunciamento da secretária Fabya Reis.

A Sr.^a DANDARA PINHO: Bom dia a todas e a todos.

Sou Dandara Pinho, filha de Washington José dos Santos Pinho, motorista, e de Ana Lúcia Caldas Lucas, professora. Sou advogada e estou presidenta da Comissão de Promoção da Igualdade Racial da Ordem dos Advogados do Brasil, seccional Bahia. (Palmas) Estou também representante nacional deste mesmo segmento.

Mas, antes de tudo isso, antes dessa representação dentro do órgão representativo da minha categoria, sou feminista interseccional, antirracista, antiproibicionista, contra LGBTfobia.

Com muita honra, fui subordinada da Dr.^a Fabya Reis, e na sua pessoa saúdo toda a Mesa desta sessão solene pelos 220 anos da revolução – revolução! – da Revolta dos Búzios.

Também não posso deixar de saudar a minha colega de programa de mestrado Heloisa Lima, que junto comigo faz revolução e balbúrdia naquele lugar que é a Universidade Estadual do Estado da Bahia. (Palmas)

Quero saudar não somente a minha ancestralidade, mas a ancestralidade desta Casa, a ancestralidade das heroínas. E vou falar de Vicência, a mulher que fez e faz história, Ângela Guimarães e Zulu Araújo, e que deu alicerce para que os quatro homens aqui citados de maneira recorrente fizessem história e permanecem fazendo história.

Por que a Vicência? Porque é o nome da minha avó materna, uma indígena que já está no Orum, que já foi. A gente precisa permanecer, meninos e meninas, falando da importância do estudo afro-indígena nas escolas. Não sei se vocês já viram em outra oportunidade uma advogada com essa estética, assim como a Heloisa Lima, que vem desse mesmo lugar que vocês estão, a escola pública. (Palmas) Vocês também poderão chegar a esta tribuna.

Pois bem, por mais que já estejamos com o tardar da hora, nem sempre temos uma audiência pública com esta pauta. Eles vão ter de nos ouvir e vão ter de permanecer vendo a nossa cara preta neste lugar. (Palmas) Isso é importante, porque nem sempre vocês conseguem estar aqui e ter uma aula diferente, com uma pauta diferente.

Neste mês de novembro, em que a gente saúda a ancestralidade, eu saúdo a ancestralidade de D. Vicência, de D. Firmina, de D. Luiza, de D. Lucrécia e de D. Ana, que são as mulheres pretas que fizeram o alicerce para esses quatro homens fazerem

revolução. E permanecem as mulheres negras fazendo o alicerce para que todos vocês, homens, de todas as gerações continuem fazendo revolução. E vocês, Lucas Sotero, continuem reconhecendo que nós, mulheres negras, somos porto e farol para que vocês cheguem à rua, sejam graduados, pós-graduados. Reconheçam esse lugar na sua mãe, na sua companheira. Vocês que fazem parte do Orooni – citei Lucas Sotero, mas dirijo-me também a todos os outros – coloquem neste lugar, porque somos nós, mulheres negras, porto, farol e alicerce de vocês. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Concluindo.

A Sr.^a DANDARA PINHO: Então, animai-vos, povo bahiense! Mas a gente não pode esquecer que neste meu discurso, que levanta, a gente também tem uma vida. Como cantam o Revelação e o Péricles, a vida é pedreira.

E a gente tem a pedreira de tombar a pedra de Xangô, em Cajazeiras. A gente precisa de uma Sepromi forte, que vem fazendo história com uma mulher negra que vem do Movimento Sem Terra, que é diferente e merece apoio. Como bem disse Dete Lima, que foi aqui homenageada, a gente precisa de unidade, defendendo as diferenças, respeitando as diferenças.

Como bem diz a música...

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Concluindo.

A Sr.^a DANDARA PINHO: Eu vou concluir, agora

(...) do meu querido Ilê Aiyê, sem dividir, nós seremos sempre mais. E esse é o lema da Comissão de Promoção da Igualdade Racial.

Concluindo, porque a gente nunca tem fim, como bem é o Inquice Oxumarê, o Orixá Oxumarê.

Gratidão, Dr.^a Lorena Pacheco, por ser membro da Comissão de Promoção da Igualdade Racial. São pessoas como você que a gente precisa na estrutura política da OAB. E a senhora só não será presidenta da Ordem dos Advogados do Brasil se não quiser caminhar esse caminho.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Muito obrigado.

Infelizmente, a gente cumpre um papel, às vezes, de chato aqui na Mesa, mas é por conta do funcionamento da Casa. Já é meio-dia e ainda faltam algumas pessoas para falar, e às 13h nós temos de estar lá na Praça da Liberdade. Pedimos desculpas por solicitar às pessoas importantes que estão falando que concluam.

Vamos agora chamar, para uma breve saudação, o companheiro Fábio Nogueira, do Psol, pelo tempo de 2 minutos.

O SR. FÁBIO NOGUEIRA: Bom dia a todos.

Queria saudar a Mesa na figura da secretária Fabya Reis, da Sepromi; saúdo a companheira Cris Barros, militante da Círculo Palmarino e presidenta municipal do Psol, em Salvador.

Bem, gente, as falas foram muito eloquentes em relação ao que é o significado da revolução da Revolta da Búzios e daquele gesto de coragem de mulheres e homens,

negras e negros, que tiveram a ousadia de apresentar um projeto alternativo, que pregava a autonomia, a independência, o fim da escravização de homens e mulheres em nosso país.

Esse projeto dos mártires de Búzios, daquelas pessoas que deram a sua vida por igualdade, por justiça, continua presente, ainda hoje, em nossa sociedade. Nós temos a responsabilidade de ser continuadores dos ideais de Búzios, dos ideais de igualdade, dos ideais de fraternidade.

Nesse sentido, precisamos celebrar a decisão do STF, no dia de ontem, que restabelece a Constituição de 88 ao definir a ilegalidade da prisão em segunda instância. Ela, obviamente, beneficia e repara uma injustiça histórica contra o preso político que é o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mas atinge também diretamente a Rafael Braga, a homens e mulheres negros que estão presos pelo racismo institucional, de forma ilegal, ilegítima, sem direito a ampla defesa.

Nós precisamos continuar na luta para que possamos materializar os ideais de Búzios e acabar com a política de extermínio da juventude negra, a política de encarceramento que, infelizmente, na Bahia, ainda está presente. Infelizmente, temos os Cabulas na Bahia. Precisamos superar essa política de extermínio, essa política de segurança genocida. Precisamos ter outro modelo de segurança pública. Precisamos ter uma política que, efetivamente, integre a maior parte da nossa juventude.

Então vocês estudantes, jovens que estão aqui presentes – eu que já fui estudante, jovem, sou jovem há mais tempo –, é muito importante a gente saber e conhecer a nossa própria história, conhecer a história de Búzios e entender que nós, negros e negras desse país, temos uma história marcada por sonhos, por utopia, por luta, derramamos nosso sangue por igualdade. E é nesse sentido que precisamos honrar o legado dos mártires de Búzios, de Marielle Franco, de Moa do Katendê, de todos aqueles que, no cotidiano, lutam por justiça e igualdade, por uma Bahia e por um país de igualdade para todos e todas.

É essa a minha saudação. Um forte abraço a todos. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Muito obrigado, Fábio.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Gostaria agora de, imediatamente, passar a palavra para o presidente estadual da Rede, Magno Lavine. Companheiro, Magno, por favor, 2 minutos. Desculpe aí pelo avançado da hora. (Palmas)

O Sr. MAGNO LAVINE: Bom dia a todos.

Só um pequeno reparo, deputado Jacó, é que o nosso partido não tem presidente. Lá, são dois porta-vozes: um homem e uma mulher, normalmente. Lá, tem uma equidade, uma equiparação na direção. Então a Rede não tem presidente.

Mas eu gostaria de agradecer a oportunidade, sendo bem breve aqui porque sei do adiantado da hora, saudar os jovens das escolas que estiveram e estão aqui conosco, saudar a Mesa em nome do João Jorge e da deputada Fabíola, do deputado Jacó; do Gilberto Leal, grande liderança da Conen, uma das maiores referências do Movimento

Negro do Brasil presente aqui conosco; todos que estão aqui presentes, Tonho que está aqui. Estava conversando bastante com Ed Binho, esses dias, e falando da sua família. É uma referência para a gente a vida de vocês, a luta de vocês e a sua arte, a sua música, a sua poesia. Você também é um campeão para nós.

Dizer o seguinte: nós estamos discutindo aqui, na verdade, um movimento que, talvez, a historiografia ainda não aprofundou com detalhes. Porque, dez anos antes da Revolta dos Búzios, lá em minha terra natal, Ilhéus, teve a Revolta do Engenho de Santana. E a Revolta do Engenho de Santana tira uma pauta de reivindicações dizendo: precisamos de um dia de folga, queremos terra para plantar e queremos fazer eleição direta para feitor.

Nós não estamos falando de um mundo tão distante, Zulu. É muito próximo. Certas coisas estão muito interligadas aí. As pessoas se conversavam de uma forma que se compreendia uma linha de tempo política.

Então, como eu sou filho da terra que começou...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) a Revolta dos Búzios, que eu imagino na minha cabeça se formos estudar nós vamos chegar nisso, eu queria deixar saudação aqui da minha terra, Ilhéus, que o pai Val acabou de receber a sua homenagem, saudando também a queridíssima Ângela, da Unegro, que deveria estar nessa Mesa também pelo tamanho que a Unegro tem, pela representação que tem.

Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Muito obrigado.

Gostaríamos, mais uma vez, de parabenizar a presença de todos e todas aqui neste evento, estamos muito gratos.

Gostaria, agora, de passar a palavra para essa grande referência, companheiro, grande líder, Gilberto Leal. (Palmas) Desde já, pedindo desculpas pelo avançado da hora.

O Sr. GILBERTO LEAL: Rapidinho! Saudar a todos e todas presentes, dizer que eu já me sinto contemplado pela fala da companheira Edenice e da companheira da JConen que aqui tão brilhantemente se posicionou. Eu só quero usar esses dois minutinhos para dizer o seguinte, realmente, a Conen é confortável nessa história de Búzios, de há muito tempo. Não a minha militância, que venho do período da ditadura militar. Então, entrei na universidade no período da ditadura e saí no período da ditadura. Então, a minha história com essa história da luta negra já vem de algum tempo.

Mas só quero dizer o seguinte, se aqueles bustos da Praça da Piedade estão lá, não poderemos deixar de esquecer um elemento importante nessa trajetória de colocar aqueles bustos lá, companheiro Paulo Anunciação, (palmas) deputado desta Casa, vereador da cidade de Salvador e que aprovou um projeto para aqueles bustos. Ficou engavetado e a Conen comprou uma briga severa com o prefeito Imbassahy. E, em

2004, colocamos aqueles bustos lá. E, para completar, Imbassahy fez a solenidade e não convidou a Conen. Então, nós compramos essa briga. E estamos comprando a outra briga de muito tempo. A luta pelas homenagens à Revolta dos Búzios da Conen já vai para quase três décadas. Agora, vamos comprar essa briga da Praça da Revolta dos Malês, da Praça do Campo da Pólvora. Isso aí, também, antes de se pensar em metrô, a gente já estava nessa briga.

É só isso, obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Obrigado.

Tonho, nós vamos passar a palavra para você, mas a sua apresentação fica para depois da fala da secretária Fabya Reis. Essa parte são só os 2 minutos da sua fala, tá bom?

Então, passo a palavra para o companheiro que muito nos orgulha, e agradeço sua presença aqui, Tonho Matéria. (Palmas)

O Sr. TONHO MATÉRIA: Bom dia a todos e todas. Quero dizer que estou muito feliz em poder fazer parte deste momento, que é um momento de luz, de glória, um momento de vitória. E quero, primeiro, saudar a Mesa em nome dessa minha liderança que é uma figura que eu tenho um carinho imenso, porque, se eu me constituí, hoje, esse artista que sou, é porque eu tive, também, palavras, afetos, conselhos, dessa figura chamada João Jorge Rodrigues. (Palmas) Sou muito grato por tudo que você vem contribuindo em minha vida. Eu faço parte dos oloduns de fora, mas estou sempre dentro. Por isso que eu fiz essa canção com Itamar Tropicália e Mestre Jackson, Itinga, para dizer que, mesmo a gente fora da entidade, a gente continua dentro da entidade dialogando, construindo. E, em breve, está vindo uma música nova em que estou fazendo essa relação do poder do mar com a água. Mar é pai, mas a água é mãe. E, como a natureza é feminina, vamos pensar nas nossas mulheres, pensar nas nossas lideranças.

E estendendo isso, Heloísa, eu quero dizer que você, como uma extensão da Mangangá, junto com Lucas Sotero, que chegou na Mangangá com 6 para 7 anos, hoje se tornou essa liderança e eu fico muito grato. (Palmas) Levanta, Lucas, para que o povo entenda que tudo é uma extensão. Você é uma extensão da Mangangá, a Mangangá é uma extensão do Olodum, do Malê Debalê, do Araketu, do Ilê Ayê, dessas lutas travadas do dia a dia.

Eu quero agradecer ao nosso deputado Jacó, a nossa deputada que também foi uma das grandes responsáveis por esse papel que nós temos na Mangangá, foi uma diretora na Mangangá, na área médica, e antes de ser uma vereadora, antes de ser deputada, e eu fico muito grato em saber que eu tenho também uma deputada Mangangá, aqui presente, sentada. (Palmas.) Então, isso tudo é uma extensão.

Mas, eu quero, além disso, agradecer e saudar essa figura que está ali, um grande percussionista que eu vi menino tocando com Carlinhos Brown, que é o nosso Sidney,

que hoje faz uma revolução no Bairro da Paz educando jovens. (Palmas.) Sidney, você também é uma extensão de Búzios.

E foi por isso, a nossa grande secretária que está aqui, essa é uma extensão de Búzios mesmo, que compreende, com os editais que a gente vem provocando, fazendo, e foi através desses editais, até da época de Elias, nosso grande secretário, Elias Sampaio, que a gente vem escrevendo, e foi nesse projeto que eu escrevi alguns editais com o propósito de apresentar para a juventude da capoeira a linguagem de Búzios, que foi isso que eu aprendi no bloco afro, eu não aprendi na escola, eu aprendi no Olodum a falar sobre os Búzios. Fizemos um projeto, esse ano, em homenagem às mulheres, nossas heroínas. Então, muito grato.

E dizer que eu conheço a África, conheci a primeira vez com o Olodum, em Angola, e a segunda vez com essa figura magnífica, que me levou para Moçambique, e que hoje tem a extensão da Mangangá, em Moçambique. Zulu Araújo, muito obrigado por tudo. (Palmas) Agradeço a todos vocês e estamos juntos sempre, como João Jorge falou, a Revolta dos Búzios é a capoeira, porque a capoeira é o primeiro movimento de luta, de resistência, de combate corpo a corpo no nosso planeta, e a minha professora que está aqui, minha mãe que está aqui, e eu quero mandar um beijo muito grande e agradecer pela palavra, a senhora arrasou e é uma mãe de um capoeirista também, aliás de vários capoeiristas, um está aqui, contramestre Tico. Edenice, um beijo no coração.

Obrigado. Estamos firmes. Axé! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Tonho, você representa essa luta, a resistência da capoeira. Você vai voltar cantando um solo, junto com a Banda do Olodum. Mas, antes, nós vamos ouvir a fala dela, a nossa secretária de Promoção da Igualdade, representando o governo Rui Costa, ela que tem sido a mais jovem e única secretária do país, mas faz a diferença com o pouco recurso que tem nas políticas por igualdade, nas políticas por justiça social e no enfrentamento ao racismo no nosso estado. Bem-vinda, secretária e parabéns pelo seu trabalho. Esta Casa não se cansa de exaltar a sua participação, o seu compromisso com essa luta antirracista. Você é um orgulho para o povo negro, para as mulheres, para a política como deve ser feita.

Secretária Fabya Reis.

A Sr.^a FABYA REIS: Boa tarde a todas as pessoas. Quero agradecer enormemente as palavras de encorajamento que meus mais velhos, os meus iguais estão aqui a nos ensinar a cada dia. Eu quero dizer que essa é uma luta que a gente precisa, realmente, estar ombro a ombro e ladeada para que a gente possa seguir firme, porque o racismo não descansa, sequer, um minuto. Então, precisamos de todas as pessoas.

E eu quero agradecer aqui por essa manhã, a iniciativa do deputado Jacó, da deputada Fabíola e de todas as pessoas que compõem esta Mesa de honra e todos e todas que estão aqui.

Estou representando aqui o nosso governador Rui Costa, trago um abraço do nosso governador e sempre que há uma coincidência da tarefa com aquilo que você está completamente motivado, estimulado.... Sem dúvida, foi uma manhã gigante, as pessoas que nos antecederam trouxeram músicas, homenagens de reconhecimento à luta das pessoas, levantaram a voz dessa história. Nós temos uma história, João Jorge, você muito bem destacou aqui. Nós temos uma história feita por homens e mulheres negros que nos arrastaram até aqui para seguir lutando contra o racismo estrutural, para seguir lutando com os desdobramentos no racismo institucional.

E, portanto, esta sessão, no dia de hoje, na Assembleia Legislativa da Bahia, ela é histórica. Ela é histórica porque nós precisamos dizer em todas as instituições, que a voz do povo negro e tudo o que foi erguido nesse país teve, efetivamente, as nossas mãos, as nossas vidas e o sangue do povo negro derramado neste Brasil e nesta Pátria. (Palmas)

Então, eu quero saudar a nossa honrosa Mesa, o nosso porta voz Magno, o nosso também Gilberto Leal, o nosso ativista, um dos mais velhos, também aí da nossa coordenação da Conen por todo seu acúmulo, por toda a sua garra e determinação em compartilhar o que foi cada processo histórico, a Revolta dos Malês, a Revolta dos Búzios, trazendo a memória do Zumbi dos Palmares.

Parabenizar a iniciativa pela excursão para que a gente vá também a Serra da Barriga e conecte com o nosso novembro, porque nós temos o Novembro Negro, porque o Zumbi, porque quilombos existiram de resistência e hoje ele também está no livro dos heróis e das heroínas.

Quero saudar essa jovem que tenho muito orgulho, saudar a juventude, assim como Dandara, homenageada aqui e também Heloísa, a gente fica muito feliz, porque o trabalho daqueles que nos antecederam, seguramente está na mão da nossa juventude e vocês nos inspiram quando vem aqui e dão uma lição, um bom aprendizado, da convicção de que a gente pode seguir junto, mas vocês seguirão um pouco mais a frente porque esse deve ser o curso da vida, esse deve ser o curso da vida.

Os nossos jovens não podem ser assassinados, os nossos jovens não podem morrer antes de cumprir o seu papel neste lugar. (Palmas).

Quero abraçar e cumprimentar aqui o nosso também historiador, nosso arquiteto que conta a história a partir da luta do povo negro, nosso companheiro de trabalho Zulu Araújo, presidente da Fundação Pedro Calmon.

Quero saudar aqui a nossa deputada Fátima Nunes e também saudar na sua condição de presidenta da Comissão da Igualdade desta Casa, a senhora abriu os trabalhos trazendo um conjunto de agendas que se seguirão. O deputado Hilton nos trouxe ontem aqui nesta Casa a referência de Carlos Marighella. Hoje tivemos aqui a potência da deputada Fabíola, do deputado Jacó. Precisamos trazer o debate da promoção da igualdade racial, do combate ao racismo, do combate a intolerância religiosa para todas as frentes, comissões e mesas desta Casa.

Muito obrigada e parabéns por aquela sessão que também foi muito importante. (Palmas)

Gostaria de saudar o nosso conselheiro, o nosso ativista, o nosso cantor, o nosso artista Tonho Matéria, pois a gente tem muito orgulho de ver o que você faz com tão pouco com a nossa juventude. E, nessa grande rede de solidariedade, eu quero reconhecer o seu papel, também, saudando todos os conselheiros de um conselho que se estruturou antes da política pública, o Conselho do Desenvolvimento para Comunidade Negra. Muito obrigada pelo seu trabalho, pela sua parceria. (Palmas).

Paulo Nery nos trouxe trechos dessa história importante e, por isso, quero lhe cumprimentar e dizer muito obrigada pelas lições.

Eu gostaria de levantar... Eu não deixei, não por acaso, o reconhecimento a João Jorge, o nosso também mais velho. Todos eles troncham a boca quando eu digo o nosso também mais velho. Isso é importante, porque antiguidade é posto, mas é também experiência, é também a condição de nos ensinar como percorrer.

Eu quero saudar pela sua voz determinada ao lado do Ilê Aiyê, ao lado da Conen, ao lado do Movimento Negro da Bahia. Eu gostaria de dizer que nós precisamos contar essa história para os nossos mais novos. Essa é uma contribuição que vem nas músicas do Olodum, que vem nas músicas dos nossos blocos afros a partir dessa compreensão, qual seja, a de como nós vamos transformar a revolução do povo negro, uma inspiração para os estudantes que estão hoje. Isso é uma inspiração não só para os negros e negras, mas para todos os baianos, para a gente se orgulhar da luta pela fraternidade e igualdade, que tem referência da França, começou, aqui, com o povo preto. Portanto quero lhe parabenizar por esta determinação e persistência.

E, sim, nós alteramos a abertura do Novembro Negro para o primeiro que, também, coincide com o aniversariante do mês, o Ilê Aiyê, para a gente poder ter ainda mais a pujança que o nosso novembro está tendo e o oito fosse marcado com esta sessão, com a caminhada que eu quero saudar todas as organizações envolvidas, com a ação que nós teremos na Câmara de Vereadores e com grande convocação que o Olodum faz hoje à noite. Portanto, o oito continua firme e vivo como foram os ideais dos nossos revolucionários e dos nossos heróis da pátria da Revolta dos Búzios.

Então, eu quero saudar todos os homenageados.

Gostaria de dizer que esta é a continuidade para a gente se estimular, para a gente se encorajar, porque o tempo é de desafio. Estamos, sim, celebrando. A gente está contando as horas para o nosso presidente Lula sair da prisão. Nós estamos contando as horas. (Palmas) Mas nós, também, queremos contar as horas para a nossa juventude poder, também, estar em liberdade.

Eu quero saudar a fala do nosso defensor Rafson Ximenes, pois ele deixou uma mensagem importante, um destaque importante de convocação da nossa mobilização para o sistema de Justiça deste país. Nós precisamos estabelecer a justiça e o devido direito à Constituição, do transitado em julgado, para a gente não ter julgamentos parciais. Nós queremos a imparcialidade da Justiça para a gente garantir ambientes democráticos, para a gente ter certeza de estar em um país em que qualquer um de nós pode se defender das acusações e, eventualmente, seguir esse fluxo em caminho da Justiça.

Então, por fim, quero encerrar fazendo a nossa convocação para o nosso grande novembro.

Saúdo as organizações a Unegro, a Conen, o CEN, o Fórum de Entidades Negras e todos os blocos afros, as mulheres negras que estão a trazer, com a sua voz alta, um não ao racismo e à intolerância religiosa.

Quero trazer o nosso lema de campanha: “Todas as vozes contra o racismo. Todas as leis contra os racistas!” Esta não é uma inspiração surgida da minha cabeça e do acaso. Esta é uma inspiração que vem da voz de quem veio antes, da luta de quem ergueu, em primeiro plano, em nosso país, o movimento negro, o povo negro deste país, os povos tradicionais deste país.

Portanto, o que a gente quer não é só que esta tarefa seja dos negros e negras, mas a gente quer, sim, que esta tarefa seja de toda a sociedade e de todas as instituições.

Mas, para aqueles e aquelas insistentes em externar os seus preconceitos e o seu ódio, no ano em que a Lei Caó completa 30 anos, ela transformou o crime de racismo em inafiançável e imprescritível. A gente quer dizer, sim, aos racistas que todas as leis serão acionadas para a gente poder garantir a tão sonhada e a tão defendida lei pelos nossos heróis e heroínas da Revolta dos Búzios: a igualdade em nosso estado e em nosso Brasil.

Portanto, vida longa à Revolta dos Búzios!

Animai-vos povo bahiense, pois está para chegar o tempo feliz da nossa liberdade, o tempo em que seremos todos irmãos, o tempo em que seremos todos iguais.

Vida longa à Revolta dos Búzios! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Valeu, secretária Fabya!

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Convido a deputada Fátima.

Receba a nossa homenagem, deputada Fátima.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Para terminar, nós queremos passar a palavra à deputada Fátima Nunes, presidente da Comissão da Promoção da Igualdade, que, junto com a Comissão de Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e com os mandatos nossos, estamos promovendo várias ações pelo Novembro Negro. Inclusive esta sessão especial é para sua saudação, deputada Fátima Nunes, parabenizando pelo seu trabalho.

A Sr.^a FÁTIMA NUNES LULA: Bom dia a todos e a todas!

Eu quero, aqui, com minha voz rouca por conta da emoção, saudar toda a Mesa. Parabenizo os nossos dois colegas, a deputada Fabíola Mansur e o deputado Jacó, por planejar e organizar, nesta manhã, esta sessão especial tão rica, tão forte, tão valorosa para nossa luta por direitos, por igualdade e por combate contra o racismo.

Eu quero saudar a nossa secretária da Promoção da Igualdade e todos os componentes da Mesa nas suas diversas funções nos diversos órgãos em que são as suas autoridades competentes.

Quero saudar todo o Plenário composto de juventude, de mais velhos, de pessoas de grande competência no estudo das africanidades baiana e brasileira, porque é a força do conhecimento, é a força da luta. Tudo isso faz a verdadeira revolução e nos dá coragem para celebrar os mártires, aqueles que, em tempos bem mais duros, tinham coragem de ir à praça e levantar a voz. Portanto, somos nós quem continua.

Para encerrar este meu minuto de fala, eu queria, não sou cantora, mas queria dizer do nosso sonho.

(A oradora entoava uma canção.)

Obrigada! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Bem, arrasou na voz!

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Antes de encerrar esta sessão especial, agradecemos todas as presenças, todas as vozes, todo o trabalho dos nossos homenageados, todas as lideranças, todas as pessoas que se juntam a nós, aqui, na Assembleia Legislativa, e se juntam, também, a esta luta contra o racismo.

Eu gostaria de dizer que nós vamos encerrar esta sessão especial com uma apresentação de Tonho Matéria e com a banda da Escola Olodum. Tonho fará um solo e banda nos brindará um rufar dos tambores.

Lembro a vocês que, daqui a pouco, às 13h, o nosso lugar é na rua, com a revolução na Praça da Piedade. Faremos o caminho de volta dos nossos mártires, a quem, neste momento, saudamos.

Quero deixar o meu abraço fraterno.

Quero dizer que este espírito tem de pautar a luta desta Casa.

Quero chamar Lucas di Fiori.

Viva o 8 de novembro!

Viva os nossos mártires!

Todos à rua por esta luta permanente!

O número oito, na Cabala, é justiça. O número oito é infinito. Que seja infinita a nossa luta por igualdade, por justiça social e pelo enfrentamento ao racismo!

Gostaria de lembrar que, às 21h, no Pelourinho, estaremos saindo da Casa do Olodum.

Muito obrigada a todos.

Passo a palavra ao deputado Jacó.

O Sr. Jacó Lula da Silva: Obrigado a todos e a todas.

Maravilhosa foi esta audiência pública.

Sem muitas delongas, passo a palavra para Tonho Matéria.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Bem, esses cartazes foram realizados pela Sepromi, produção de Antônio Olavo.

A Sr.^a Fabya Reis: Temos de fazer uma homenagem a Antônio Olavo, idealizador desta história também, pois ele ajuda a contar esta história. Ele construiu este cartaz através do qual a gente quer deixar, aqui, o nosso reconhecimento e o presente à Mesa de honra nesta sessão. A parceria é com a Portfólio.

Parabéns e vida longa ao nosso companheiro Olavo.

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Então, gente, em nome da Assembleia Legislativa, nós agradecemos as presenças de todos.

Declaro encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.